

# REVISTA MENSAL

DA

SOCIEDADE

PARTHENON LITTERARIO.

---

2.ª SÉRIE. — JULHO DE 1872. — N.º 1.

---

PORTO ALEGRE.

TYPOGRAPHIA DA REFORMA. — RUA GENERAL ANDRADE NEVES N. 51.

1872.

## **COMISSÃO DE REDACÇÃO.**

Vasco de Araujo e Silva.  
Appollinario Porto-Alegre.  
José Bernardino dos Santos,  
Aurelio Virissimo de Bittencourt.  
Francisco J. de Sá Brito.  
Manoel Gonçaves Junior.

## **REDACTOR DE MEZ.**

Appollinario Porto-Alegre.

## **DIRECTORES.**

Achilles Porto-Alegre.  
Hilario Ribeiro d'Andrade e Silva.

## INTRODUÇÃO.

Deixem-n'ò passar.

E' um pobre orphão com um destino de bronze. Não vem disputar nem palmas, nem corôas na liça da imprensa e muito menos ambiciona o plintho da gloria e as ovações dos triumphos.

Quer viver apenas, se é possível a vida n'uma época enferma, quando o coração chora a cada sentimento que se esfolha, e o espirito esterilisa-se a cada ideia que morre.

A patria necessita de todos na marcha progressiva de sua existencia. Não ha para ella um homem inutil, como não ha uma pagina escripta que não traga um pensamento aproveitavel.

Deixem-n'ò passar.

Se as preocupações serias d'esse tempo, em que a mocidade envelhece aos vinte annos, e traz a ruga da meditação na frente em vez do verde sorriso da primavera, não vos deixarem bastante espaço para a leitura amena, se a gravidade dos diferentes misteres não puderem distrahir-vos, deponde sobre a meza o livro do Parthenon, dipticos de seus trabalhos e esforços.

Tendes razão de não lel-o.

Porém logo uns dedos trefegos e curiosos virão folheal-o e talvez que uns labios ainda saturados de frescura infantil e sem o descôr do scepticismo lhes murmure em segredo :

— Bem vindo sejas !

Sim, a *Revista* é para vós creaturas sublimes, inimigas juradas das fórmulas seccas da sciencia e da algebra dos principios.

● homem aclimatado ás abstracções pôde viver sem ella, a discussão da imprensa diaria pôde satisfazel-ò em sua avidez pelas questões que se ventitam, mas vós, não. Filhas d'um enlevo poetico de Deos, amantes apaixonadas por instincto e por afinidade das flores, quereis vel-as desabrochar até no estylo.

A metaphora que scintilla, a imagem que exubera de viço, vos fallam com mais eloquencia, convencem com mais rapidez do que o compasso de Archimedes e os syllogismos do padre Ventura.

Por isso amaes os poetas.

Tendes tambem razão.

Quando quizerdes comprehender o supremo architecto do mundo, não é por certo nas sabias dissertações dos doutores da igreja, nem no argumento museuloso da philosophia, é na aurora que desponta, na campina que floresce e no céu que rutila, é antes nas melodias melancolicas de Lamartine ou Chateaubriand.

Se a *Revista do Parthenon* puder inspirar sentimentos generosos e doutrina proficua ás filhas do Rio Grande, seus votos serão satisfeitos, sua missão preenchida.

Protegei-a pois, acalentai-a ao regaço.

Outr'ora os paladinos arrojavam-se á justa por uma dama de seus pensamentos. Venciam, se ellas no amphitheatro lhes robusteciam o braço e a crença com um sorriso e um olhar de animação.

Os tempos mudaram. A espada foi substituida pela penna, o braço pela ideia, todavia ficastes as mesmas. A litteratura aqui é tambem uma peregrinação por uma causa sublime, como a dos antigos cavalleiros andantes.

Sêde como ellas.

Acenai aos romeiros, e não titubiaremos ante os obices do caminho.

Atai o perfumoso lenço de cambraia ao báculo da viagem, e teremos um estandarte a defender, mesmo quando a esclavina se torne em cilicio do martyr ou na tunica de Dejanira.

Alentai-nos e seremos dignos uns de outros. O esforço complexo será util á patria.

Em vós: a confiança e estima para os humildes obreiros do progresso.

Em nós: mais que nunca o respeito á primitiva divisa:

Non far tregoa coi vili, il santo vero,  
Mai non tradir, ne proferir mai verbo  
Che plauda al vizio, o la vertu derida,

Só a verdade é pura. Ella nos guie.  
E ideias morrem, se palavras brilham  
Que o vicio incensem e a virtude esmaguem.

*Iriêma.*

ao Instituto Histórico e Geográfico  
do Rio Grande do Sul oferecido  
Amaro Larto Negre

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO  
DO RIO GRANDE DO SUL  
Porto Alegre - Rua Trichuelo n.º 1305



1848. 10. 15. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50. 51. 52. 53. 54. 55. 56. 57. 58. 59. 60. 61. 62. 63. 64. 65. 66. 67. 68. 69. 70. 71. 72. 73. 74. 75. 76. 77. 78. 79. 80. 81. 82. 83. 84. 85. 86. 87. 88. 89. 90. 91. 92. 93. 94. 95. 96. 97. 98. 99. 100.

*J. B. C. Mori*

# FELIPE NERI.

## ELOGIO FUNEBRE. (1)

Cahio o batalhador !

E parece impossivel ! Ainda creio ouvil-o nos momentos em que a eloquencia illuminava-lhe a fronte olympia, iriando-a em reflexos divinos ; em que seu gesto animava-se de entusiasmo como o augur nos oraculos da antiguidade ; creio ainda ler as paginas que decorriam fluentes de seu calamo inspirado ! Creio ainda ver-lhe assomar o vulto elevado e magestoso, aqui, nos penetraes da mocidade, no Parthenon, ~~oazie no meio~~ d'um deserto !

Parece impossivel ! E no entretanto a realidade surge pallida, triste, aziaga, pavorosa, envolta em funerario crepe !

Parece impossivel ! Tu o dizes ?

O' pobre alma a quem a duvida suspende, não vês o sudario que pallejou nos espaços da eternidade ?

Basta de preocupações tranzientes, tudo passou, tudo, foi um sonho ! O que resta hoje ? Resta um tumulo, um cadaver n'elle e a fatalidade que o assella.

Misero do homem ! A cadeia d'um destino contingente, fallivel e precario o prende á terra. Nem se quer uma hora do futuro lhe pertence, não pôde contar com ella.

Morte, phantasma sombrio na face das gerações, porque lhe apontaste o marco final da romagem, quando o sol estava bem longe de deitar-se sobre sua existencia, e elle contemplava o astro da vida com o olhar fito da aguia ?

Não foi tão cedo ?

Porque has de debruçar no volutabro o gigante da serrania, cuja fronte assoberbava os torreões do céu, cujas raizes irrompiam robustas o seio da terra e em cujo tronco circulavam rios de ceiva em cada fibra ?

(1) Recitado na sessão funebre que o Parthenon celebrou na noite de 8 de Fevereiro.

virtuada a sublime instituição da imprensa, faz-se da penna um escalpello de personalidades, em vez da disseccção dos principios.

Era na intimidade domestica que bebia o mimo e deicadeza de sentimento, abundancia e flores do coração, que, mal se affastava do terreno maninho e sáfaro da politica local, derramou por tantas laudas artozoadas de estylo e palpitantes de poesia na essencia. Insisto sobre esta particularidade, para muitos por ventura insignificante e sem interesse, e para mim a luz da têla em que se destaca seu vulto. A politica, principalmente no estreito perimetro das povoações, obseca a alma, exsicca a fonte das alegrias intimas, elimina o que ha de extremamente sensível no fôro da consciencia, abrindo ao espirito arrastado pelo interesse fanatico do poder immensas veredas, é certo, ainda que ladeiadas de abysmos. É a morte do coração a favor da cabeça. E o calculo frio substituido a santas e puras effusões. Porém, Felipe Neri foi um dos raros exemplos em contrario. Bastava vel-o e ouvi-lo para advinhar quanta sensibilidade aninhava no adyto do peito.

Os amigos, que muito os houve, até entre as facções adversas, e a quem foi sempre fiel e dedicado, podem confirmar as palavras que vão ditas. Tambem a amizade foi outra flôr que acuradamente cultivou depois da familia.

Eis em rápido bosquejo, quem é aquelle que hoje pranteamos com a provincia inteira.

Não é um panegyrista que falla, é um coração que exhubera de saudade e tristeza diante d'uma campa immensa, urna cineraria de seus despojos terrenos e marco miliario de sua immortalidade. Felipe Neri não é mais o homem de hontem que ouvimos aqui pleiteando pela emancipação servil, é o indigete do Pantheon da historia.

O lidador cruzou as armas e descansa sob a tenda da eternidade.

Se teu espirito nos escuta n'este momento, benemerito cidadão, recebe o humilde preito de saudade que te rende o mais obscuro de teus consocios. *Good night.*

*Triema.*



# RISOS E LAGRIMAS.

DRAMA EM 4 ACTOS E 5 QUADROS

POR

HILARIO RIBEIRO.

**Representado a primeira vez em Porto Alegre, no  
theatro S. Pedro, em 20 de Setembro de 1870.**

PERSONAGENS:

|                       |                 |                   |
|-----------------------|-----------------|-------------------|
| Fernando de Magalhães | } Negociantes   | Pedro Joaquim.    |
| Ricardo da Silva      |                 | Araujo.           |
| Dr. Anselmo           | } Medicos       | Raymundo.         |
| Dr. Paulo de Benjamin |                 | Alfredo.          |
| Julio d'Aguiar        | } Guarda-livros | Eduardo.          |
| Commendador Torres    |                 | B. Magalhães.     |
| Octavia               |                 | Adelaide Amaral.  |
| Adelaide              |                 | Maria Angelica.   |
| Baroneza de Tapagé    |                 | Augusta Candiani. |
| Margarida             | } Criados       | Roza.             |
| Manoel                |                 | Manhonça.         |

Accção— no Rio de Janeiro.  
Actualidade.

Ao seu amigo Luiz Alves Pereira Machado, offerece esta primeira tentativa dramatica o

AUTOR.

## ACTO 1.º

Sala luxuosamente decorada. Reposteiros ao fundo; e portas lateraes. Ao levantar do panno ouvem-se os ultimos compassos de uma polka.

## SCENA I.

*Dr. Paulo de Benjamin e depois o Dr. Anselmo.*

DR. BENJAMIN (observando de um reposteiro a sala do baile). Pobre louco! segue atraz de um phantasma e te ajoelhas diante d'uma estatua! (Vai sentar-se no divan).

DR. ANSELMO. — Porque deixaste as salas? A baroneza quer ver os seus convivas alegres. Então não tencionas dançar?

DR. BENJ. — Encontro mais delicias nas espiraes do charuto, que nos vórtices de uma walsa. Aquelle mundo phantastico é insipido a matar de tédio. Não te parece?

DR. ANSELMO. — O que me parece, é que ninguem será capaz de denifir o Dr. Paulo de Benjamin. Seriamente, de dia em dia comprehendo-te menos.

DR. BENJ. (accendendo o charuto). — Sim? E depois Dr.?

DR. ANSELMO. — E's bem curioso e singular! A's vezes, ha na tua fronte esse sulco profundo que denota um amargor intimo, ou o tédio das almas, que se desfolham de castas e suavissimas illusões. Outras vezes o teu olhar lampeja como o do tigre e a tua voz fere no sarcasmo que atras á ponta dos labios.

DR. BENJ. — E o resto?

DR. ANSELMO. — Que idéa fazes do amor e da amizade, não sei. Encaras côm a mesma estoica indiferença o que é santo e nobre, como o que é mesquinho e desprezivel. (Sorrindo) Estás seriamente sceptico?

DR. BENJ. — Ah! ah! ah! nasceste para reitor de seminario, meu caro: torceram-te a vocação, fizeram-te medico, quando devias envergar uma sotaina de presbytero.

DR. ANSELMO. — Motejas; mas n'esse riso satanico quem sabe se não transparece o abysmo, em que tua alma se convulciona atada ao eculo?! Ris, Paulo de Benjamin, porém apostava que soffres!

DR. BENJ. — Escuta. Em quanto a multidão se inebria n'aquellas salas sentindo o collo palpitar offegante de voluptuosidade; em quanto essa mascarada ridicula e tórpe folga e ri, aneia de febre e espasmo como a cortezã nos coxins da lascivia, eu só tenho aqui (indicando o coração) tedio e saciedade, o peor flagello que pôde sentir a creatura. (Erguendo um dos reposteiros) Olha, tudo aquillo é mentiroso e hypocrita! Se tivesses ali uma irmã, eu te diria: Aquella mulher é tão falsa e vale tanto como todas as outras!

DR. ANSELMO. — Que mysterio!

DR. BENJ. — Não é um mysterio, é a minha historia! Sabes como entrei no mundo? De um lado tinha eu acervos de oiro e do outro o

crêpe negro da orphandade! De um lado a fronte angustiada e veneranda de meu pae, e do outro— junto ao meu berço o tumulto de uma mãe, que a minha existencia excavára!

DR. ANSELMO.— Continúa.

DR. BENJ.— Contava eu apenas 10 annos, quando um homem abrindo para mim os braços, murmurou banhado em prantos: — Teu pae acaba de expirar, porém ficas rico e velarei sobre o teu futuro. Aqui tens, em poucas palavras, a historia de minha infancia. Nasci condemnado; os meus primeiros annos escoaram-se sem carinhos e alegrias, porque deviam ser o prólogo de uma existencia infausta!

DR. ANSELMO.— A orphandade deve ser horrivel!

DR. BENJ.— Estudando medicina, o meu fim, a minha unica ambição era tornar-me um dia o protector da orphandade indigente, velar á sua cabeceira como pae e medico... (Pausa) A fatalidade, porém, mudou completamente as minhas santas aspirações!... O acaso approximou-me de uma mulher. Impellido por força irresistivel segui-a como louco e adorei-a de joelhos!

Eu nunca tinha amado e a solidão em que vivia minha alma iriouse por encanto!

DR. ANSELMO.— E depois?

DR. BENJ.— Depois?! Voltou o vacuo, voltou a solidão, voltaram dias mais tristes e noites mais luctulentas! Foi tudo um sonho passageiro.... (Pausa) Ah! mas para esquecer essa mulher infame, a quem um só anno de auzenca bastou para postergar tantas juras e promessas, atirei-me á vida sensual dos bordeis, calcinei-me na ebriedade do vicio, a alma gastou-se nos seios flaccidos das Phrynés! Hoje não ha ahí alegrias que me deleitem, nem desgraças que me punjam. Trucidaram-me fibra por fibra!

DR. ANSELMO (sorrindo).— Não me diceste hontem que estavas apaixonado por Adelaide? O que me respondes?

DR. BENJ.— E acreditaste?

DR. ANSELMO.— Sériamente que duvidei. Se não fosses amigo de Julio poderia acreditar, porém...

DR. BENJ.— Não tenho amigos e não sou amigo de ninguem. Chamem-me embora de cynico ou sceptico, materialista ou o diabo; para mim é indifferente. Que me importam a mim os rivaes?

DR. ANSELMO.— E não temes o commendador? Disseram-me que se casa com Adelaide.

BENJ.— Não passará de um boato. O commendador quer conhecer-me melhor.

DR. ANSELMO.— Ah! confessas a tua segunda paixão?! Eu sempre ouvi dizer que o coração não envelhece, e o teu ha de resuscitar como a phenix de Homero.

DR. BENJAMIN.— Eu só creio no primeiro amor!

DR. ANSELMO.— E no segundo?...

DR. BENJ.— Sou caprichoso; sempre gostei de perseguir os barões e commendadores. (Ouve-se o signal para a walsa).

DR. ANSELMO.— Não ouves? Dão signal para a walsa e adeus, meu excentrico! (Sae).

## SCENA II.

*Dr. Benjamin e depois um criado.*

DR. BENJ. (tocando a campainha).— Ao menos n'estas casas ha cerveja e champagne na falta do amor : é sempre a embriaguez dos sentidos. (Para o criado) Traz cerveja para dois, e diz á senhora baroneza que a estou esperando. (O criado retira-se) Ah ! Ah ! Ah ! (observando a sala do baile). O commendador afinal morre entre as minhas mãos como um frango ! (Ao criado que entra) Fallou com a baroneza ?

CRIADO.— A senhora já vem.

DR. BENJ.— Retira-te.

## SCENA III.

*Dr. Benjamin e depois o commendador Torres.*

DR. BENJAMIN (deitando cerveja em um copo). Ignoro quem foi o teu inventor, nectar sublime, mas quem quer que elle fosse, eu bebo á tua memoria, cabeça de genio, e asseguro que valias bem um monumento ! (Reclinando-se no divan, depois de beber.)

COMMENDADOR TORRES (limpando o suor).— E' de mais ; não se ri assim nas barbas de um homem serio e respeitado como eu ! Preciso e hei de vingar-me tão certo como dois e dois são quatro. (Voltando-se para a sala do baile) Veremos se o orgulho não ha de cahir !.... (Depois de pequena pausa) Atrevida !.... Rir-se á minha custa, envergonhar-me, a mim, um commendador !

DR. BENJ.— Soffreu alguma contrariedade, Sr. commendador ?

COMMENDADOR (voltando-se sobresaltado).— Ah ! (á parte) Sempre esta sombra maldita !

DR. BENJ.— Cuidado, cavalheiro, — é um medico quem lhe avisa : As paixões n'essa idade são perigosas... O amor aos 60 annos não é outra cousa senão uma parasita. Cuidado, que elle pôde exhaurir-lhe as faculdades mentaes ! (Solta uma risada).

COMMENDADOR TORRES (irrequieto).— Ahi vem o Sr. com os seus gracejos pesados ! Veja que sou grosso para palito !...

DR. BENJ.— Ora vamos, confesse, não está perdidamente apaixonado por D. Adelaide ?

COMMENDADOR (quasi fóra de si).— E que tem o Sr. com isso ? ! .... Peior vae ella !

DR. BENJ. (com sarcasmo).— Quaes são as suas intenções, commendador ?

COMMENDADOR.— E o Sr. o que pretende requestando D. Adelaide ? Julga que não tenho observado ?

DR. BENJ.— Procuo uma mulher para casar-me, nada mais natural e licito.

COMMENDADOR.— Espere então por sapatos de defunto.

DR. BENJ.— Estou applicando os meios como V. S.

COMMENDADOR.— E se não conseguir os fins ?

DR. BENJ.— Dar-me-hei por vencido. Com tudo pouco temo a lucta. Até hoje, commendador, não tive um só desejo, um simples capricho mesmo que se não realisasse segundo a minha vontade. Nunca encontro obstaculos, porquanto não meço a profundidade dos abysmos. Creia-me, teria sangue frio para matar aquelle que se antepuzesse á minha vontade. E' mister que me fique conhecendo, e não se arrepie do que lhe vou ainda dizer.... Aos vinte annos eu tinha um coração, hoje, aos 30 nem sei mesmo o que tenho aqui!.... Como o anjo do mal eu rio ante a cabeceira do enfermo, que se estorce no eculo do desespero, implorando-me mizericordia; encaro a humanidade com a frieza estoica do philosopho, e desprezo tanto os homens quanto Christo sacrificou-se por elles !

COMMENDADOR.— Parece incrível !

DR. BENJ.— Não cré na metempsychose, commendador ?

COMMENDADOR.— Metemp.... Não sei o que quer dizer.

DR. BENJ.— Talvez o espirito de Satanaz passasse para o meu corpo.

COMMENDADOR.— Eu já desconfiava !...

DR. BENJ.— Tenho ouvido dizer que o oiro é o potentado da terra, o mobil das paixões humanas; talvez o ponto de apoio que faltou á alavanca do sabio de Syracusa.... Creio mais no entanto, na realza da medicina.

COMMENDADOR.— *Dubito!* Não pode ser, nego !

DR. BENJ.— Já vê, o respeitavel latinista, que sendo eu medico e possuindo muito dinheiro, tenho dois poderosos elementos: posso dominar pelo oiro e pela sciencia.

COMMENDADOR.— Noto que V. S. está um tanto gasto.

DR. BENJ.— Cynico, pôde exprimir-se com franqueza.... Sou tão cynico como o commendador !

COMMENDADOR.— Menos essa ! Não admitto a comparação.

DR. BENJ.— (Offerecendo um charuto). Não fuma ?

COMMENDADOR.— Obrigado, sinto-me indisposto.

DR. BENJ.— Com que V. S. é meu rival pela segunda vez !... Não imagina o quanto sinto.

COMMENDADOR.— Pois fique sabendo que d'esta vez não me darei por vencido. (Dispondo-se a sahir). Vou até ás salas que é o melhor. Não dança ?

DR. BENJ. (com sarcasmo).— Não, commendador, aprecio pouco esse divertimento proprio para crianças e velhos tontos. (O commendador faz gestos de impaciencia). Prefiro o jogo; amo as sensações fortes, que abalam mais o espirito do que a materia. (A' parte). Temos explosão.

COMMENDADOR.— Cá para mim o jogo é a distracção dos vagabundos. Não lhe parece ! (A' parte). Vejamos o effeito da bomba. (Vai mirar-se no espelho).

DR. BENJ.— Com que se acha parecido V. S. ?

COMMENDADOR (furioso).— Advirto-lhe que taes gracejos podem trazer resultados funestos !

DR. BENJ. (deitando serveja nos copos).— Façamos treguas. Sejamos dois rivaes generosos (offerecendo um copo). Bebamos ao triumpho do heróe, ou á memoria da victima, porque emfim, estou disposto a lutar e a fazer-lhe uma guerra de exterminio. (Bebe).

COMMENDADOR (bebendo).— A' saúde, pois, do heróe ! (A' parte). Pessima bebida ! (Retirando-se). Até já, que estou com pressa.

DR. BENJ. (tirando do bolso um vidro).— Uma palavra, commendador.

COMMENDADOR (voltando-se).— Queira dizer.

DR. BENJ.— Vê isto ?

COMMENDADOR.— E' um vidro.

DR. BENJ.— E' a morte !

COMMENDADOR (assustadissimo).— Oh ! estarei envenenado ! (Sae rapidamente).

DR. BENJ.— Ah ! ah ! ah ! como é covarde ! (Sae).

#### SCENA IV.

*Adelaide.*

ADELAIDE (agitada).— Rir, fingir sempre risos, em quanto o coração distilla lagrimas de sangue !... Ah ! piedade, senhor, já não posso mais, sinto-me exausta, mal tenho forças para supportar tão longo supplicio ! Protege-me, Deus de misericordia, leva-me d'aqui, para bem longe.... Aquellas salas inspiram horror, e tenho medo de enlouquecer !... (Pausa) Homens vis ! Julgam que a mulher é uma mercadoria e que se impõe ao coração !... (Arrancando as joias e atirando-as ao chão.) Pois bem, eu não preciso mais do que um claustro.... De hoje em diante desfaço-me d'estas sedas, renuncio as esmeraldas e diamantes !... (Cahe soluçando no divan).

#### SCENA V.

*A mesma e o Dr. Paulo de Benjamin.*

DR. BENJAMIN (baixo).— Veremos quem é mais forte, commendador ! (Approximando-se de Adelaide). Que agitação, minha senhora !... V. Ex.<sup>a</sup> chora ?... Sente-se por ventura incommodada ?

ADELAIDE (com odio).— Deixe-me, Sr !...

DR. BENJ.— Porque motivos me odeia assim ?...

ADELAIDE (erguendo-se e fitando o).— E' demais !...

DR. BENJ.— V. Ex.<sup>a</sup> fez mal em deixar as salas.... Quer vel-o d'aqui ?... (Levantando o reposteiro). Eil-o, pallido e triste, sonhando talvez o impossivel !... (Descendo). Os poetas são assim, minha senhora ; criam um ideal, enlevam-se contemplando aquella miragem enganadora, e da condição de sonharem sempre, provém a seu eterno infortunio.

Pobres scismadores !... Transviados da senda da vida real, vão de

decepção em decepção, de descrença em descrença, e a ultima estrophe que saltam, é a ultima blasphemia jogada ao mundo.

Dizem elles que ninguem os comprehende e talvez assim seja.... Malaventurados!... A poesia tira-lhes a força vital, porque a lava ardente que lhes ateia o espirito semelha ao cancro:— rõe dia por dia, hora por hora e morrem na idade, em que nós outras começamos a viver. A poesia é como a tunica de Nessus; não acha' perfeita a comparação, minha senhora?

ADELAIDE (com desprezo). — Nem sei o que disse!.... (Querendo retirar-se).

DR. BENJ.— Queira ouvir-me então. Conceda um instante ao ultimo dos seus adoradores...

ADELAIDE.— Julga acaso que esse incenso que a fatuidade e a mentira queimam no thuribulo da lisonja, chegue até á solidão de minh'alma?! Ah! engana-se, Sr. Eu sou d'aquellas mulheres que preferem a virtude na desgraça, á abjecção completa dos sentimentos!... Não ha oiro na terra que me deslumbre, nem oblações mentidas que me seduzam.

DR. BENJ.— Perdão...

ADELAIDE (em acto de sahir).— Quando a mulher comprehende a sua missão, lucha e lucha sempre; porque se ha um anjo máo perseguindo-a na terra, Deus véla do céu! (Sae).

DR. BENJ.— Nunca é tarde. Não é verdade, baroneza? Pobres joias, estão definitivamente desprezadas? (Apanha-as e as colloca sobre uma mesa). Ah! ah! ah! mulheres, mulheres!

## SCENA VI.

*Dr. Benjamin e Julio de Aguiar.*

JULIO.— Sim, é mister um esforço; acima do amor está a dignidade.

DR. BENJ.— Aonde vaes, rapaz? Que diabo tens tu? Estás funebre como um esquife!

JULIO.— Vou para casa... Adeus...

DR. BENJ. (detendo-o)— O que succedeu?

JULIO.— Nada, cousa alguma...

DR. BENJ.— Não sejas criança. Falla, dize, o que aconteceu?

JULIO.— Fiz mal em acceder ás tuas instancias. O coração advinhava!

DR. BENJ.— O que é que advinhava o teu coração?

JULIO.— Não imaginas como soffro!

DR. BENJ. (sorrindo).— Por causa de uma mulher?!

JULIO.— Amo-a e em recompensa só tenho desprezos!... Pedi-lhe uma contradança logo que entrei, e nem sequer respondeu-me... Procurei-a ainda ha pouco, e sempre a mesma indifferença!... E' demais, o coração não deve humilhar-se tanto!...

DR. BENJ.— Afinal te has de convencer que as minhas theorias não são exageradas... Falta-te experiencia, meu poeta Adelaide não passa de uma mulher vulgarissima e banal, como são todas as mulheres,

desde a Eva da Escripura ! Todas ellas se nos apresentam sob a effigie de um anjo ; porém não tomes a sombra pelo corpo. Adelaide quiz ver-te humilhado á seus pés, escravo submisso beijando-lhe as fimbrias do vestido !... Caprichos ! N'estas regiões o amor é moeda falsa ?

JULIO.— No entretanto dir-se-hia que ella soffre !...

DR. BENJ. (com sarcasmo).— Lembra-te que Adelaide respirando a athmosphera mephitica dos salões de baile, já perdeu o candor nos torcicollos da walsa. Só o contacto da baroneza perverteria Magdalena, mesmo depois da sublime redempção !

JULIO.— Não, não consinto que digas isso !... Cala-te, amo-a e respeita-a ao menos na minha presença !

DR. BENJ.— Pois escuta. Ha dois dias que a mão de Adelaide foi pedida pelo barão, e sei com certeza que esse casamento se effectua muito breve.

JULIO (indignado).— Ah ! é impossivel, não creio !...

DR. BENJ.— Verás, meu caro.

JULIO.— Se fosse verdade !.. Não posso acreditar, é impossivel ; ao menos que não seja uma imposição infame !

DR. BENJ.— Dá-me o braço. Lembra-te que eu já passei pelos mesmos transe e não enlouqueci. Vamos. Emquanto o epycurismo palpita n'aquellas alminhas, que vocês poetas chamam de anjos e cherubins, embriaguemos os sentidos n'um copo de champagne. Coragem, rapaz !

JULIO.— Não posso... Deixa-me ir para casa.

DR. BENJ.— Iremos juntos d'aqui-a uma hora. (Saem pelo fundo).

## SCENA VII.

*Fernando de Magalhães e depois o commendador Torres.*

F. DE MAG. (triste).— Fiz mal em ter fallado... Foi uma irreflexão imperdoavel... Pobre Adelaide ! Quem lesse no teu coração, como eu tenho lido hoje, saberia o que vae n'elle de tristezas !... (Senta-se).

COMMENDADOR.— Ora graças que o apanhei de geito ! (Baixo) Em que pensa, Sr. Fernando ?

F. DE MAG. (abatido).— Nem sei mesmo.

COMMENDADOR.— O baile está animadissimo ; magnifica partida !

F. DE MAG.— E' verdade, minha irmã não se cansa...

COMMENDADOR.— A Sr.<sup>a</sup> baroneza sempre gostou dos bailes .. Fez epocha no seu tempo ! (Pausa) Vamos ao que nos interessa Em primeiro lugar, fallou á sua afillhada, como me prometteu ?

F. DE MAG.— Fallei, Sr. commendador, e a unica resposta foram lagrimas !

COMMENDADOR (com grosseria).— Lagrimas que se desfazem amanhã em sorrisos

F. DE MAG.— Não creia. Adelaide se...

COMMENDADOR (interrompendo).— Então força-me...

F. DE MAG.— E' impossivel tal casamento.... Não terei coragem



para violental-a, Sr!... Adelaide não é minha filha; porém adoro-a como se o fóra... E' a minha unica alegria e sobretudo um penhor sagrado!

COMMENDADOR.— N'esse caso....

F. DE MAG.— Forçal-a.... eu... ó, não, nunca! Depois que lhe fallei, não sabe o Sr. que grande mudança se tem operado n'ella!... Foge-me, como se visse em mim o algoz do seu futuro; se é obrigada a fallar-me, já não é com a mesma confiança e serenidade de outr'ora!... Nem sei como ha paes, que violentam as filhas!

COMMENDADOR.— Compreendo perfeitamente a farça, Sr. Fernando de Magalhães!... O Sr. hypotecou a mão de sua afillhada á quem lhe offereceu maiores vantagens; mas esqueceu-se que existe em meu poder a hypoteca de sua honra; o credito de um negociante arruinado.

F. DE MAG. (com dignidade).— Sr. commendador!...

COMMENDADOR.— Sei eu que ha aqui um homem que lhe garante uma transacção mais lucrativa, e por isso....

F. DE MAG.— E' demais, Sr!...

COMMENDADOR (tirando tres letras da carteira).— Conhece estas letras?... Estão vencidas ha 3 mezes!...

F. DE MAG.— O Sr. condemna-me á um supplicio.... Exige o que não está em minhas forças!...

COMMENDADOR.— Sacrificio por sacrificio.... Disse-lhe que amava sua afillhada e póde acreditar-me... Por ella sacrificaria uma fortuna colossal, que juntei moeda por moeda.... Amo-a e serei seu escravo; dar-lhe-hei o que exigir para tornal-a invejavel de todas as mulheres!

F. DE MAG.— Julga por ventura que se impõe a felicidade ao coração?!...

COMMENDADOR.— Ora, meu amigo, não me venha com essas palavras de romances.. Passava-lhe quitação e não aceita!... Tanto peor para o Sr.... Deve-me innumerados favores e nega-me o primeiro que lhe peço... Prefere então o descredito e a ruina?...

F. DE MAG. (a parte).— Horrivel situação!

COMMENDADOR.— Evite uma desgraça.... Ninguem sabe por ora do estado de seus negocios; mas lembre-se que perderá amanhã a reputação de capitalista.

F. DE MAG.— Basta, Sr. commendador. Depois de amanhã dar-lhe-hei uma resposta decisiva.

COMMENDADOR.— Espero-a favoravel.... N'este mundo servimo-nos uns aos outros. (Saindo) Vou ás salas; até já.

## SCENA VIII.

*Fernando de Magalhães, só.*

F. DE MAG.— O que hei de fazer, meu Deus!... Pobre Adelaide!... Julgas-me na opulencia ainda, e mal avalias o infortunio de teu padri-

nhos!... Que mundo e que miserias!... Enquanto vamos caminho da prosperidade não faltam amigos, nem adúladores!... Se banqueamos— fogem todos os amigos e os adúladores escarnecem! (sae).

## SCENA IX.

*A Baroneza pelo braço do Dr. Benjamin.*

BARONEZA.— Ah! ah! ah!

DR. BENJ.— E V. Ex. a rir-se!... Repito lho que sinto-me perigosamente apaixonado.

BARONEZA.— E dil-o assim, Dr.?!...

DR. BENJ.— Por quem é, querida baroneza; faça-me esta ultima vontade.... Bem sabe que amo-a e que nada virá perturbar as nossas...

BARONEZA.— Ah! o Sr. tem um coração de bronze!

DR. BENJ.— Não é tanto como supõe.... Torna-se necessario arredar quanto antes Julio d'esta casa.... Adelaide ama-o, e é mister desvanecel-a, seja qual fôr o meio.

BARONEZA.— E reserva-me tão degradante papel?

DR. BENJ.— Breve terei as letras em meu poder, e as dificuldades desaparecerão.... Por quem é, baroneza!... Proteja-me!

BARONEZA (á parte).— Preciso ser escrava agora!...

DR. BENJ.— Posso dizer ao poeta, que V. Ex. o chama?

BARONEZA.— Diga-lhe o que quizer....

DR. BENJ. (beijando a mão da baroneza).— Até já, querida... (sae).

## SCENA X.

*Baroneza e depois Julio de Aguiar.*

BARONEZA.— Vamos, coragem até o fim!... (pausa). Ah! seja bem vindo o festejado poeta!...

JULIO (agitado).— V. Ex. mandou-me chamar?

BARONEZA.— Sente-se aqui ao meu lado.... Está em minha casa e aproveito a oportunidade para ralhar com o Sr...

JULIO.— Se commetti alguma falta, accito qualquer recriminação...

BARONEZA.— Porque razão ainda não dançou com Adelaide? Já estamos em meio do baile e pelo que vejo....

JULIO.— A culpa não tem sido minha....

BARONEZA.— Já no baile passado Adelaide queixou-se-me do Sr., e estou resolvida a não dar mais uma partida por sua culpa...

JULIO.— V. Ex. zomba?!

BARONEZA.— Que gosto selvagem apaixonar uma menina incauta, para ao depois fingir ciúmes e vel-a triste!

JULIO.— Baroneza!...

BARONEZA.— O seu procedimento tem sido reprovado por todos... Esses zêlos astuciosos são ridiculos, não lhe ficam bem... Antes não viesse!

JULIO.— Se V. Ex. não instasse ha pouco comigo, eu já estaria bem longe d'aqui!

BARONEZA.— O Sr. Julio d'Aguiar decididamente não é poeta. Faz versos, porque possui o artifício das vulgaridades. Os poetas, meu Sr., são dotados de um coração affectuoso e nobre, e o seu coração, desculpe-me a rude franqueza... Ah! ah! ah!

JULIO.— Pôde dizer sem reboço.

BARONEZA.— Não quero agastal-o!... Ah! ah! ah!

JULIO.— V. Ex. está abusando da sua posição!

BARONEZA.— Sabe que Adelaide o ama?

JULIO.— Para que me ha de torturar tanto, baroneza?!

BARONEZA.— Responda: sim, ou não?

JULIO.— Eu amado por ella?! Houve um tempo em que a esperança parecia alentar a minh'alma e julguei-me feliz! Eram illusões de um louco que não media as distancias e julgava a felicidade tão perto e facil!...

BARONEZA.— O Sr. é mesmo uma criança. Pela ultima vez: acredita ou não no amor de Adelaide?

JULIO.— Como V. Ex. insiste, eu respondo. Acreditei, porém tarde vi o esqueleto informe da realidade. Acreditei, baroneza,— foi apenas um delirio! A estatua pôde mover-se, mas não ha meio de fazel-a sentir...

BARONEZA.— O Sr. faz rir a gente com taes devaneios poeticos! O Sr. Julio d'Aguiar é capaz de dizer que Deus não é Deus, nos seus incommensuraveis arroubamentos... Ah! se Adelaide soubesse!...

JULIO.— Basta, Sr.\*; não sei até onde me quer levar!

BARONEZA.— E' pena que não esentem os seus floreios...

JULIO.— Pôde zombar, tem razão baroneza. (O Dr. Benjamin aparece no fundo) A culpa é minha, e sò devo queixar-me de mim... Eu via o abysmo, e em vez de fugir-lhe, lancei-me á elle como o marinheiro incauto atira-se sobre as ondas que rugem aos seus pés... Não me illudiram; eu me enganei a mim mesmo!... A provação foi grande, e devia assim acontecer... O homem que vive de um salario não pôde, não deve ter aspirações tão elevadas, não é verdade?!... A minha audacia merecia uma punição severa, e V. Ex. arrogou a si o papel de apontar-me a craveira social!... E' justo, e perdoe V. Ex. o inconsiderado... a quem esta lição não esquecerá jámais!... (Vae a sahir).

BARONEZA (interrompendo).— Ah! ah! ah! Quer uma das minhas carruagens?

JULIO.— O sarcasmo de V. Ex. é ridiculo!... A mulher que foi uma vez fraca descendo, não tem o direito de insultar o homem que foi fraco subindo!... (A baroneza encara-o com odio). Ah! mas não

devo reagir contra a senhora... Tenho bastante nobreza d'alma e sei perdoar !... Alguem me vingará...

BARONEZA (tocando a campainha).— Saia quanto antes !... ! (Cae prostrada).

### SCENA XI.

(Os mesmos, e o Dr. Paulo de Benjamin).

DR. BENJ.— O que fez, Sr ? !

JULIO.— Não dou explicações á ninguem !...

DR. BENJ. (apontando a porta).— Villão !

JULIO (sahindo).— São dignos um do outro !

DR. BENJ.— Saia !

JULIO (no limiar da porta).— Vim buscar a felicidade e levo a morte !

FIM DO 1.º ACTO.

# A ESCRAVATURA.

FABIO Á SALUSTIO.

EPISTOLA PRIMEIRA.

Queres saber a minha opinião ácerca da escravatura no Brasil?  
Vaes sabel-a.

Todo o homem escravo deve ser restituído á liberdade immediatamente.

Mas prevendo, Salustio, que isto te diria, tu me prevines que attenda ao *direito de propriedade*.

Queres que eu te pergunte onde está o direito de propriedade sobre o homem?

Um dia fallando sobre esta questão, tu me dizias que o direito romano n'esta materia estava longe do que nos arrogavamos sobre o homem escravo.

E lembras-te no que concordamos?

« Que o *senhor* só comprava os serviços d'aquelle a quem chamava *escravo*, e que por isso não tinha direito de propriedade sobre o homem, nem sobre os seus descendentes.

Que sendo o trabalho só permittido nos dias uteis, era sómente sobre o feito em taes diás que o *senhor* tinha direito; que por isso o trabalho do escravo nos dias de guarda lhe pertencia, e que lhe deveria ser reconhecido o direito de possuir e de legar.

Que condemnando a religião e a moral á prostituição, deviam favorecer-se os casamentos das mulheres escravas, que assim se tornavam honestas e boas, proprias para a educação dos filhos livres que d'ellas nascessem.

Que as familias escravas, ou de escravas e livres, deviam ser taxadas na somma de trabalho que deviam produzir em favor do *senhor*, podendo pagar-se em numerario aquella taxa annualmente. »

Tu me lembraste, Salustio, o expediente então mais aceito, o de declarar-se livre a escravatura depois do praso marcado de 10 annos.

Dizias e diziam contigo os que aceitavam essa *moratoria*, que era um praso em que o trabalho pagava o valor do escravo ou antes dos serviços comprados.

Porque o não fizeram? Tu influias então na republica, e hoje, eu que a isso me oppunha, porque não era pela *moratoria*, estava vencido.

Tu, que reconhecias que o ventre era por sua natureza livre, que sendo a escravidão uma punição, não podia ser imposta á creatura ao nascer, quando era impeccavel; incapaz de crime; tu, que dizias e affirmavas com muito boas razões que o *senhor* não comprava o homem, mas os serviços do homem, e que por isso nem um direito tinha sobre os seus descendentes, vacilaste quando a opinião publica perguntou como se creariam, nas condições vigentes, os filhos livres dos escravos.

Foste timorato.

Tu mesmo o disseste:

A mãe escrava cria o filho livre, no seio da familia que é sua, porque ella tem um marido, e ella e elle tem direito ao trabalho, ás suas economias, e ao peculio que tem formado.

E' viciosa, diziamos então, a organização do trabalho, as relações entre o *senhor* e o chamado *escravo*.

Porque se não estabelecem ellas sob a pressão benefica das theorias economicas modernas, sob as bases da justiça ou da equidade?

Porque não ha de o escravo no seio dos seus, na familia, garantir por sua moralidade o cumprimento de seu *contracto*?

E' verdade que estas ideias não eram as do *commum*, pensava-se de outro modo, o escravo não tinha o direito de pensar, quanto mais o de ser parte n'esse *contracto*, e era tão illusoria a curadoria dos escravos quanto a responsabilidade do *senhor* perante a lei, nos crimes commetidos contra a vida e honra dos mesmos.

Parecia impossivel uma boa organização do trabalho.

A degradação do homem era sensivel, e a propria legislação do paiz parecia consagral-a, impondo ao escravo o duplo da punição marcada ao homem livre.

Está dita a ultima palavra sobre esta questão, e era o direito do propriedade do homem sobre o homem.

Não se deram os 10 annos, nem 15, nem 20, e mais do que isso consumiu a voracidade do tempo.

A escravatura perpetuou-se e 3 milhões de homens estão fóra da lei.

O art. 6.º § 1.º do nosso pacto fundamental, diz que são cidadãos brasileiros todos os nascidos no Brasil, quer sejam ingenuos ou libertos, e d'este modo exclue 3 milhões de homens nascidos no imperio de fazer parte da communhão brasileira.

Eu te perguntaria, Salustio, por que me impediste de fallar sobre a reforma d'este § no seio da representação nacional?

O que temias então? eram os teus escrúpulos de ainda hoje que actuavam sobre o teu espirito?

Se tivessesmo supprimido estas palavras « quer sejam ingenuos ou

libertos », estava toda a questão terminada, não se agitaria a questão do ventre livre, essa questão ociosa, e teria cahido (por terra todo o phantasma da escravidão domestica.

Vale.

*Fabio.*

Porto Alegre, 28 de Junho de 1871.

EPISTOLA SEGUNDA.

Insistes sobre o direito de propriedade, e fallas-me n'uma indemnisação aos possuidores que deve ser dada pelo Estado em titulos da divida publica.

Mas dize-me, Salustio, é sustentavel o direito de propriedade, e é serio o que dizes quando fallas em indemnisação aos possuidores ?

Creio que queres antes ouvir-me sobre estas duas questões.

Vou satisfazer-te.

O homem não tem direito de propriedade sobre o homem.

Prova-se :

O homem é um ser activo, intelligente e livre.

Em presença da natureza elle tende a dominar por sua actividade os objectos que o rodeam ; a transformar por sua intelligencia os elementos em seu proveito ; e a dirigir por sua liberdade o uso dos gosos ou prazeres que se lhe offerecem, affastando os males que se lhe antepõem.

No uso de suas faculdades, n'uma natureza selvagem, elle não conhece limitação, nem na posse, nem nas tentativas, nem nos gosos ou desejos — é mentalmente livre como o vento que perpassa o cume da montanha ; só conhece as difficuldades physicas que sobre elle actuam e que o impedem de possuir mais, de transformar e de gozar mais.

Então estacando diante d'estes tropeços, elle procura o concurso dos seus semelhantes, associa-se, forma uma tribu, constitue uma nação.

Como a concebes, Salustio, não differe do modo por que eu a concebo.

Os homens reunidos tomam uma força que é a somma de todas as actividades, de todas as intelligencias e da liberdade de todos, e a isto chama-se a actividade, a intelligencia e a liberdade publica que constituem a *autoridade*, a força de cohesão da nação.

Residindo na nação a autoridade, é claro qu só ella pôde exercel-a: é o que chamamos *soberania nacional*, que não pôde ser delegada, mas sim exercida por si propria.

Sabes, Salustio, que o homem associando-se perde a expansão illimitada de seus desejos porque encontra os dos outros, e que é mister sujeitar-se a uma regra ou *lei*, que na phrase dos legistas deve ser considerado um mal porque é a coartação da liberdade individual em proveito da liberdade publica.

Nem uma sociedade, Salustio, constituiu-se sob outras bases nem o podia ser.

Dize-me agora, onde está escripto o direito de escravisar o homem, o de consideral-o como uma propriedade ?

Tu sabes que a primeira sociedade formou-se entre os dois individuos da especie, pela necessidade natural da sua propagação.

Mas qual foi o que nessa união se constituiu *escravo* ?

O filho, immediato associado da familia, ente fraco e sem forças para alimentar-se nos primeiros annos da vida, achou no *amor paterno*, nas caricias dedicadas da mãe, a segurança, o conforto, o lenitivo de seus primeiros soffrimentos ; mas, dize-me, Salustio, alguma vez o pai descobriu o *direito* de ser senhor do filho ?

O homem ávido de possuir, que, como diz Deбилle, não podendo voar fixou-se na terra como *senhor* d'ella, domina por sua intelligencia as fêras e os mares, mas não póde dominar o outro homem.

O dominio do homem sobre o homem é a luta, a guerra, a destruição, a morte. Nunca tiveram outra causa as revoluções que tem inundado de sangue as nações. A usurpação e o facho da anarchia que incendia o seio dos povos.

Tu vês, Salustio, que a natureza primitiva social dos povos não consagrou a escravidão.

Tu sabes, que ella foi apenas o abuso da força, do poder usurpado pelos tyrannos, n'essas lutas selvagens em que se desconhecia o direito das gentes, e que se fazia do prisioneiro de guerra um *escravo*.

Resta-me ainda, Salustio, um argumento para adduzir aos outros.

Deus creou o homem com liberdade, quer dizer, deu-lhe o livre arbitrio na escolha do bem e do mal.

A consciencia, ou senso intimo, vol-o diz, nós podemos preferir isto ou aquillo, usar a nosso bel prazer de nossas sensações e gosos, podemos aceitar esta ou aquella doutrina, seguir o preceito que nos aprouver.

Ora, se fossemos que destinados a ser o dominio de outrem, a propriedade de nossos semelhantes, a sermos escravos, emfim, dar-nos-hia Deus a intelligencia e a liberdade, teriamos o livre arbitrio na escolha de nossas acções ?

E' claro que não.

Ergo : o homem não tem direito de propriedade sobre o homem.

Tu podes, Salustio, ter direito sobre o producto de teus capitaes : (terras, edificios, machinas e animaes), intelligencia e trabalho; mas não podes *possuir* outro homem.

Tu podes ser dono do boi, que são os braços do cultivador, do cavallo que são as pernas do campeiro que atravessa as nossas extensas planicies, do gallo que é o relógio da tua casa rustica, e dos outros animaes que são o regalo de tua mesa, mas nunca serás o *senhor* do homem.

E se o és, não passas de um usurpador, que ousas de um direito falso, que não ousarias mesmo sustentar por entre os escrupulos que em consciencia desconheço.

Tu queres, Salustio, uma indemnisação para os possuidores de escravos ?

Dize-me : não é verdade, que se tivesses marcado o longo praso



de 20 annos em 1850, para a terminação da escravidão domestica, hoje todo o homem escravo estaria restituído á liberdade ?

Os serviços comprados não estão todos largamente compensados pelos trabalhos d'essas infelizes victimas de um falso direito, a que chamas escravos ?

Pois não é verdade, Salustio, que 3 annos de serviços forçados são mais que sufficientes para pagamento do valor porque foi comprada uma d'essas victimas escravizadas ?

Não te admires, Salustio, se eu te disser que em anno e meio um homem a quem libertei pagou-me n'uma honesta industria o quanto dispendi na sua libertação.

Tratemos de outra indemnisação, Salustio ; é para o paiz, dotemol-o com uma lei sabia ácerca da organisação do trabalho, das relações que devem haver entre os proprietarios ou empregarios e os operarios.

Salve, Salustio.

*Fabio.*

# O VAQUEANO.

(NARRATIVA.)

I.

## Paysagem morta.

O inverno desatava as madeixas emperladas de gelo, tão triste que magoava o coração, e despertava ideias sombrias, como céos e terras. Não sei que íntima e mystica affinidade existe entre a natureza e a alma humana, que o mortecôr d'uma reflecte-se na outra como em bacia de limpidas aguas, que o murmure surdo e inerencorio d'esta, como n'um tympano, encontra echos n'aquella.

O inverno é um cemiteri ! Sazão d' morto que não poupa a terra vergonteia, nem as catasnes da aza do colibri ! Por isso o calafrio que sente-se, quando elle se aproxima, o terror que vaga na floresta e na campina, a pallidez do manto de verduras, a ausencia dos cantores plumosos... e depois o minvano ! Como é cruel, elle que fustiga a arvore secular que aspergia d'oce sombra no ardor da sésta, até arrancar-lhe uma por uma as folhas de seu dia lema ! que cresta a varzea ha pouco vicejante alfombra ! que torna a lymphá de onda argentina e anodyna, fria como uma goleira, silenci sa como um ermo, ingrata ao labio na exsiccação da sêde !

Quem pôde amar-te, quadra sem sombras, brizas, cantos e flores ? periodo que espasma a vida e congela a flor das alegrias ?

Só quem não sente, alma embitada para as sensações brandas e suaves, que rodeiam a existencia d'umia gaza transparente e rozea que se chama poesia !

Era no dia 14 de Julho.

O sol cambava. O raio do crepusculo, cirio que véla um ataúde, lambia a face da terra. Expressão de agonia, lampejo precursor da morte, ia deitar-se o pai da natureza. Quem então o visse, diria que buscava o leito de descanso, n'uma sepultura immensa como elle pro-

prio, as profundezas do infinito. O scenario sobre que pairamos não resscendia menos tristeza.

Eram os campos da Vaccaria.

Ao norte o rio Pelotas arrojava, descantand febrilmente um requiem; ao sul o Taquary o acompanhava em notas não menos lugubres; d'um lado o lombo verde-negro da Serra Geral, interceptando o horisonte; do outro o Mato Portuguez, cuja respiração simulava o paroxismo cruel de leviathans que estrebuxam. O tecto — o céu, cujas fimbrias eram as brumas alvacentas e de leve coloridas.

Ajuntai o effeito dos troncos quasi desnudos de roapas em pó no lusco-fusco da tarde, phantasmas dos seculs estendend longos e musculócos braços para todas as direcções, sacudindo ao sópro do pallido arrebol as barbas grizalhas e venerandas: ajuntai mais o mi, ora profundo e cavernoso da onça, ora estridul e agud da jaguaritica, o sollejo aspero e atroador do itanha, o giar agoureira das corujas, o bramido do minuano que fazia ranger os estipites e galhada da selva, que revolvía os capinzaes como oceanos, e tereis o quadro senão completo, em miniatura ao menos.

Ali só uma realca que contemplava outra realca.

Ali só o urutão sentia effusões, porque ainda tenue diluculo de luz lhe banhava a retina, embora mortica e gelida. Feliz vivente que passa os dias de modo tão extranho! Rompe o dia e eil-o a saudar a aurora, eil o seguindo com a pupilla ardente o astro rei no seu itinerario pelos dedalos da immensidade.

Não sei porque, mas amo-te, ave das solidões do meu berço, anachoreta das florestas natalicias... Talvez traduzas um emblema sublime!...

A noite desceu. O firmamento era um pavilhão de azul semelhante ao das voragens maritimas, os troncos que cercavam os campos da Vaccaria, eram suas columnas. As estrellas que o esmaltavam, encubriam-se por vezes, como em brancas mortallas, nos capulhos de nuvens que deliravam nos páramos infindos.

Cahia neve em flocos. O frio, intenso. O mysterio d'aquella natureza recolhida e inanime, profundo e terrivel. Não tinha só a melancolia do deserto, o vago e indefinido que coam n'alma as savanas e matas americanas, tinha mais o um haço, a desoladora taciturnidade, a parylizia, a inercia, a apparencia de cadaver que resaltam da quadra hyberna. Só quem viajou por noites assim atravez do êrmo selvagem, pôde comprehender a expressão aziaga que lhe é propria, os sentimentos ineffaveis que elle desperta, expressões e sentimentos que jámais a linguagem conseguiria reprobzir, são tão indescriptiveis!

Então cada folha, cada filamento de relva, cada seixo, parecem ter um segredo medonho a contar, um cochicho de lerva ameaça! Tudo anima-se, tudo falla. O rochedo agita-se, caminha, rodeia-nos, e solta uma gargalhada de infrene sarcasmo. A arvore tem o gesto iracundo. O vendaval ruge uma blasphemia em cada lufada. E o viajante acha-se cercado de Calibans e pavorosas lamias. A noite, o inverno e a solidão o amesquinham á face do mundo e á face de Deos. Ao resfriamento do corpo aduna-se o resfriamento do moral. O homem

é um *authomato*. Nem o proprio indigena que ali nasceu, vive e ha de morrer, não se izenta do terror supersticioso; elle mesmo crê em mãos genios que povoam o sertão. Elle mesmo é um atomo que transcende no pensamento, porém, fraco e pueril ante as maravilhas de Deos, nos seios da creação virgem e grandioza.

## II.

### A marcha.

De repente na tréva sulcou uma scintella.

Crer-se-ia que fôra ferida uma pederneira.

A faísca inoculou-se, tomou corpo, distendeu as fôrmas e logo depois uma lingua de fogo serpeou rapida, crepitou, momentos lutando com o regêlo atmospherico, e alfim uma labareda fluctuou os igneos pennachos.

Meia hora decôrrida a ourela dos malos da Serra-Geral formava uma faixa luminôsa.

Então distinguiam-se vultos que cruzavam o ambito illuminado.

Acerquem-nos.

Dois homens estão juntos a uma das fogueiras. Tomavam mate.

Um de contornos amplos e estatura regular, linha a physionomia franca, jovial e insinnativa do campeiro rio-grandense. Por sobre a farda trazia o poncho de panno azul forrado de baetilha e gola de veludo, que em outro seria agaloada, porém n'elle, attenta sua simplicidade de costumes e maneiras, apenas rematava por singelo trancelim. Todavia os alamares eram de prata. E a razão é obvia: esse metal na provincia não é a insignia distinctiva de certas classes, tanto se o depara na cabeçada do lombilho do estancieiro, como na do ultimo da peonada. Ricos e proletarios ostentam-n'o com garridice. As pratarias constituem o ponto de contacto entre uns e outros, o laço de irmandade das differentes jerarchias.

Cobriam-lhe a perua e o pé altas rossilhonas que, desfraldadas de sobre o joelho, vinham terminar em vigorosas chilenas tambem de prata, armadas de farpantes e rufadeiras rozetas.

O outro personagem de porte elevado, porém robusto e esvelto, trazia uma capa traçada no omoplata. Seu rosto não enganava á primeira vista. Parecia destacar d'uma eterna illuminura, d'essas que passam intactas atravez dos seculos. Exuberava irradiações deslumbrantes de toda a physionomia. Era como a personificação, a apothéose viva do genio da liberdade.

— Quando chegaremos? dizia o ultimo com pronunciado sotaque italiano. Estou que quanto mais andar, melhor será. O inimigo não deve acordar antes que chegemos. Pois em negocios de guerra, penso como Napoleão, a rapidez, o imprevisto, que trazem sempre uns ares de milagre, fazem mais do que os mais bem disciplinados exercitos.

— De accordo, mas crê entoncos que não vamos de carreira batida? Amigo, vamos que nem chimarrões esfomeados atraz de carneação.

— Não digo o contrario, caminhamos a marchas forçadas, bem o bem o vejo; quem sabe, porém, os rodeios que fazemos, quando podemos encurtar a distancia indo em linha recta.

— Ah! vem você com as suas rectas! Não conhece o vaqueano! Guia guapo como elle, não o ha em toda a redondeza.

— Realmente; podemos ainda interrogai-o.

— E já... Vai ver como é aquillo.

Não se desmancha nem pelo diabo.

E acenou para um soldado de sentinella. O soldado achegou-se.

— Chama-me de lá o vaqueano. E pela vigesima vez encheu a caia. O que me admira, ponderou, é como estou verdeando tão maldicta caína.

Momentos depois veio o moço reclamado.

— Não haverá caminho mais curto d'aqui á Laguna?

O interrogado respondeu com leve mencio affirmativo da cabeça.

— Porque não tomaste então?

— Posso ir.

— E porque não foste desde o principio?

— Perderíamos mais de melade da gente?

— Como:

— Bugres, onças, rios invadeaveis, largos e correntezas, taimbés, banhados...

— Que tem isto? Chegaremos em menos tempo.

— Mais seis dias, se não houvesse estorvos e embromações; quinze ao contrario.

O primeiro interlocutor reflectiu e aventurou mais uma interrogação:

— Conheces bem o caminho?

O semblante do moço passou por subita metamorphose. As feições contrahiram-se e logo por interno esforço distenderam e ficaram immergidas n'um véo de funda melancolia. Foi ephemera convulsão.

— Se conheço!? replicou.... E entre dentes murmurou com voz dolente: Antes nunca o conhecesse!

— Retira-te, estou satisfeito.

— Não te disse, Garibaldi! ? Quem lá tem a cabeça do vaqueano? Chuêga, é um livro! Até guarda de memoria as macegas e pedregulhos das estradas.

No sertão não ha picada pela qual elle não se metta.

— Do que elle não gosta muito, Canabarro, é de fallar. Dá sempre as respostas pelo meio.

— Venetas.... E' um tanto chucro.... Tambem no mais é um homem, como se deseja.

Os republicanos com as grandes victorias adquiridas em 1838, mórmente a do Rio Pardo em 30 de Abril, onde reunidas as forças de Neto, Canabarro, João Antonio da Silveira e Bento Manoel, fizeram retirar o exercito imperial commandado pelo general Sebastião Barreto

Pereira Pinto, quizeram estender a área dos combates, e para tal intuito determinaram tomar a provincia de Santa Catharina.

Ahi vão elles, agora que os encontramos, executar o plano concebido.

### III.

#### **Avençal.**

José de Avençal !

Quem então o não conheceu, não por semelhante nome, mas pelo do Vaqueano, que vinha da profissão ?

Era uma natureza admiravel, não tanto pelas amplas manifestações dos musculos de ferro, como pela pericia e intelligencia com que guiava os exercitos da republica, e a lhaneza e bondade do caracter.

Tambem jámais houvera rio-grandense que como elle, conhecesse a provincia. Não lhe escapava uma geira de terra, ainda mesmo perdida nos invios sertões ou em banhados de largo perimetro. Tinha a memoria fiel até para as nugas locaes. Era uma verdadeira vocação. Seu calendario de nomes abraçava do capão sumido na campina á restinga de mato ou arroio de exiguos cabedaes. Constituia de per si o mais exacto archivo topographico, um mappa vivo e pittoresco.

Sempre sorria, quando os companheiros, ante a floresta, em que o taquaracú crescia unido, atado ás arvores gigantes por fortes cipós e entretecido de finas e mimosas enredanças, exclamavam :

E' impossivel !

Quando paravam desanimados na presença dos alcantis da cordilheira ou das barrancas de candeloso ribeirão, e ainda repetiam a phrase de desalento.

Sorria. E o sorriso que lhe rugava o labio, era a craveira de sua grandeza e superioridade.

Nos misteres campeiros ninguem o excedia

Iguaes os encontrava, melhores nunca. O homem que nas brenhas brincava com o guará, o tigre e o tapir e os subjugava ao braço como tenra crecuma sob a pressão do vento, que receio teria do potro indomito e bravo e do boi chucro e de pontas aguçadas ?

Nos manejos de guerra não ficava somenos. A lança de duas braças de longura vibrava o bote tremendo, o pistollão atravessado na guaiaca poucas vezes errava o tiro na andorinha que cortava os ares. Porém, quando expandia o rosto era ao ver a rodilha do laço revoltear no espaço e logo como uma giboia aerea distender-se, enristar-se, cingir o corpo da victima, retel-a no impeto da carreira, soffreal-a nas contorsões da sanha, envencilhal-a em estreito amplexo e estrangulal-a quasi abatendo-a, vendo-a humilde render-lhe homenagem ; ou quando, as bólas em punho, rodeiado de adversarios, ia derrubando um per um, a golpes terriveis. Essa arma de nossos camponezes realiza para o homem o que realizavam as ballistas e catapultas antigas para as muralhas. Onde batem, fazem uma brecha e ha quasi sempre uma

agonia. Trazem só uma difficuldade, o saber esgrimal-as, e esgrimil-as não é atiral-as que é de uso ordinario.

Para os companheiros de acampamento, Avençal, o vaqueano, tinha um bom lote de defeitos imperdoaveis. Não fallava senão em caso de extrema necessidade, não bebia, jogava menos e fumava pouco ou nada. Já se vê que devia forçosamente ser censurado, vivendo na turba soldadesca, gente que tem por vida o presente como um pendulo oscillante entre a botija, amante de affagos e sonhos inexgotaveis, e o baralho, distracção necessaria para esparecimento dos sentidos nas horas vagas.

Porém, nem por isto era menos querido e admirado.

Suppunham-lhe todos uma historia negra, fastos de tempos idos, cujas lagrimas ainda transpareciam apezar da distancia; porque o viam geralmnte recolhido em profundas e melancolicas scismas que amarguravam-lhe a existencia. Não ria, sorria apenas, o que com bem largos intervallos se dava.

Admittiam uma hypothese, e portanto variavel como todas as hypotheses; mas a tinham como verdade á luz meridiana.

Teriam razão?

O philosopho feito a fôrmas dialecticas poderia de balde pregar-lhes largo sermão sobre o attentado, pregaria no dezerto; que elles, seguindo o como instincto campeiro, faculdade de longa vista moral que lobriga na trêva do passado e nas nevoas do futuro, iriam teimosos após sua ideia.

O pressentimento, faro do desconhecido que nos preoccupa, tornado certeza por mysteriosa elaboração no espirito do homem da natureza, elaboração em cujo processo entra mais o sentimento do que a razão, os camaradas do vaqueano envidavam todos os meios para fazel o fallar sobre o passado. Quando isto acontecia, viam-n'o estremecer e barafustar de pronto. Frustraram-se as mais bem combinadas tentativas.

Nos combates era o delirio personnificado. Em certo dia um official que o vira lançar-se na peleja, dissera admirado: Aquelle homem tem a febre da morte. No entretanto talvez tanta audacia constituisse um escudo impermeavel ao ferro e ás balas. Sahia sempre incolume, ainda que pezaroso.

O leitor pôde pôr em duvida o que levamos dito, julgando phantastica creação, que esfolra o cerebro ardente de poeta.

Engana-se.

Os principaes traços caracteristicos da physionomia que esboçamos de leve, são tão reaes, que os encontramos a cada passo em nossa provincia, desde o posteiro até o senhor da estancia, desde a existencia errante do tropeiro até a existencia sedentaria do guasqueiro ou trançador de lonca. O que ha de mais é a côr do mysterio, a sombra da intensa melancolia que o destaca do typo generico. Não mais do que a acção de um drama nefasto.

*Iriêma.*

*(Continúa).*

## A RELIGIÃO NAS SOCIEDADES MODERNAS.

Os povos agitam-se inquietos na elaboração de novas instituições, fundidas no grande e indestructivel molde da Justiça.

Do direito de cada homem, tomado isoladamente, no meio da criação, tal como elle se achou na terra, tal como a observação e o estudo de si proprio o tem revelado, parte-se para o direito de todos, para a organização social.

O direito individual, isto é, o direito de cada homem, constitue a base, o typo, a norma do direito social.

O direito social, ou por outra, o conjunto do direito de todos fez nascer o Estado, que não é outra cousa, senão a entidade, em cujas mãos delegam todos os membros de uma nação o dever de velar pela justiça, que é a satisfação de todos os direitos, na orbita em que cada um deve exercer-se sem prejudicar o direito de outro.

O homem se constitue, pois, em *pessoa*, responsavel unicamente pelas infracções aos direitos alheios.

Toda vez que no exercicio de seu direito elle não prejudica á outrem, embora se prejudique á si proprio, o Estado, o zelador dos direitos geraes, não deve, não pode intervir na acção individual.

A religião é a crença, sob diversas fôrmas, mais ou menos philosophicas, mais ou menos absurdas e idolatras, na existencia de Deus e na immortalidade do nosso espirito.

Crer em uma religião ou não crer, é um direito individual tão inalienavel, como inalienaveis são o pensamento e o fóro intimo, onde nenhuma outra acção se exerce senão a do proprio individuo.

Em que casos pôde o uso d'este direito individual offender o direito collectivo ?

Quando é exercido sobre a via publica com exhibições de culto, ou quando perturba a tranquillidade á que todos os cidadãos tem direito, por meio de dobres de sino, ou ruido de matracas, ou então quando se procura violentar a consciencia individual, apoiando-se uma seita nos privilegios que lhe concede o Estado.

E' justamente o caso em que estamos no Brazil.

Esta nação admittie como membros da communidade os sectarios de qualquer religião, mas reconhece como sua, como *official*, uma unica, á qual subvenciona e confere attribuições civis.



É possível que por effeito da immigração, ou por effeito do irresistivel progresso da instrucção, a religião, dita do Estado, esteja em um momento dado em consideravel minoria no espirito publico.

No entanto, em virtude do privilegio, essa religião tem a prerogativa de passear pelas ruas publicas os seus idoloos, de perturbar o transito, de obrigar os transeuntes á descobrir-se e a dar mostras de respeito e veneração.

Se um israelita passar de chapéo na cabeça por uma procissão catholica, expõe-se á ser victima dos fanaticos, aos quaes deu o Estado o privilegio de percorrer as ruas de andores alçados e tochas acesas.

Se amanhã occorrer ao nosso bispo exhibir nas ruas da cidade a imagem de Santo Ignacio de Loyola, á fim de que o beatissimo Santo opere o milagre de desaparecerem em um incendio geral todos os livros que formam o cabedal das sciencias, escapando unicamente a monita secreta da Companhia de Jesus; eu e grande numero de cidadãos que não têm a ventura de acreditar nas santidades de Santo Ignacio, devemos curvar o joelho e adora-lo?

Não seria um attentado do bispo e de seus confrades ao meu direito e ao de todos os cidadãos que consideram Ignacio de Loyola um homem funesto á humanidade, e sem jus á nossa consideração?

Se morre um homem rico, cuja familia é bastante ignorante para acreditar que os dobres funebres lhe facilitarão a entrada do céu, ver-se-ha o inaudito espectaculo de gemerem os ares com os sons plangentes de dez, vinte ou trinta sinos, tantos quantos se balançam nas torres catholicas.

Esta familia não commette um grave attentado á liberdade de uma população inteira, azoinada em toda parte, na rua, no domicilio, á meza da refeição, na amena convivencia de um festim, ou no leito angustioso da enfermidade, pela repercussão d'esses lamentos do bronze, postos por dinheiro, ao serviço da superstição?

E o que se ha de dizer da odiosa extorção que nos arranca o Estado para a religião que elle reconhece?

É justo, não é antes uma especie de roubo, obrigar a pagar impostos, á titulo de applica-los ás necessidades do Estado e inverter uma boa parte d'elles em congruas para uma corporação sacerdotal, em alfaias, em edificios enormes, improductivos, e nulos para o progresso do espirito e para o acrescimo da riqueza, quando pagam esses impostos todos os habitantes do nosso territorio, sejam quaes forem suas crenças religiosas?

Ahi está o Estado mentindo á sua missão, constituído em infractor da justiça.

O direito manda que cada cidadão adore á Deus como lhe aprouver, ou não o adore absolutamente.

Nas relações sociaes cada individuo é livre de procurar aquellas que lhe convém, ou de conservar-se no isolamento.

Cidadãos ha, dos mais uteis, dos mais virtuosos, que são athéos, e outros que são fanaticos: Não resulta d'ahi offensa para o direito de quem quer que seja.

Ultimamente foi eleito para uma das cadeiras vagas da academia de sciencias da França, o Sr. Lithé, que é athéo; mas que não deixa por isso de ser uma notabilidade que honra o seu paiz.

Ha alguém em França prejudicado por não acreditar o Sr. Lithé na existencia de Deos?

A religião não é meio de governo.

O Estado não recorre á ella, em caso algum para a reparação dos direitos offendidos por qualquer membro da communidade.

O dominio da religião é puramente espirital. Sua acção, toda moral, não póde estender-se além da consciencia.

Ora a consciencia está fóra do alcance das leis positivas de um Estado. Ella se rege unicamente pelas leis moraes. Toda a acção do Estado sobre a consciencia é portanto uma infracção do direito individual, é uma oppressão.

No gráo de adiantamento á que tem attingido os conhecimentos humanos, na altura á que tem subido a personalidade do homem, uma religião imposta pelo Estado, ainda mesmo indirectamente, como acontece no Brazil, é um anachronismo, é uma impertinencia do passado, é uma consideração banal á uma usança que se desarraiga dos costumes ao attrito da civilisação.

E' imperecível e profunda a palavra de Castellar :

« O Estado não tem alma. »

## II.

Confinada a religião nos seus limites naturaes, os da consciencia; expurgada das ambições mundanas que a deturpam e que dão-lhe o character de uma vasta companhia occupada em explorar a tollice humana nas suas varias manifestações, como a vaidade, a ignorancia, a superstição, a credulidade, desmamada dos orçamentos do Estado e dos indebitos privilegios que lhe dão ingerencia na vida civil dos cidadãos, occorre naturalmente uma interrogação.

A religião é necessaria?

Acredito que sim.

No estudo psychologico do homem, a maioria dos grandes pensadores que se tem votado a esse intrincado labor está de accordo em reconhecer no nosso ser certas relações, que se ligam á uma aspiração religiosa.

Verificamos em nós em primeiro lugar a relação de perfectibilidade. Qual o homem, no uso regular de suas faculdades, que não se empenha constantemente por elevar-se, por augmentar a sua força, o seu poder? Os mais frisantes exemplos d'essa aspiração de nossa natureza são a inclinação irresistível dos espiritos superiores pela gloria, pela nomeada, pela distincção. O que instiga o sabio a lucubrar durante uma vida inteira na investigação das leis da natureza?

D'onde vem que, salvas mui limitadas excepções, a grande massa do género humano, sem distincção de ignorantes, illustrados abraça a

crença da sobrevivencia do nosso espirito, senão d'esse ardente empenho de perfeição, que nos concita em cada momento da vida ?

As ideias que formamos do justo, do verdadeiro, do bom, do bello, não são outras tantas relações que exigem um terceiro termo para completar se, para explicar a existencia d'esses phenomenos no nosso espirito ?

Porque é o homem o unico no seio immenso da criação com as prerogativas de pensar, julgar, comparar, com o sentimento moral e com a consciencia de responsabilidade, dotado com o instrumento da linguagem ?

Não é elle o mais perfeito termo d'essa progressão de seres que começa no imperceptivel infusorio e termina nelle ?

E se ha essa innumeravel gradação nas incarnações da vida, e se o homem tão superior aos seres que conhece, não se julga, e ao contrario sente-se em si proprio que não está completo, que acima da sua organisação concebe organisações mais perfeitas, se além da esphera que habitamos, ha outras que obedecem ás mesmas leis naturaes que regem a nossa, não é claro, não basta a nossa unica imperfeita razão para demonstrar que a escala da criação não se acaba em nós, mas que se continúa atravez do espaço nessas outras obras da criação que devasamos, mas que estão á cima do nosso poder ?

Forçosamente o nosso pensamento chega á concepção de uma força omnisciente, omnipotente, omnimona, incommensuravel, indifinivel, superior ás formulas de nossa expressão, inaveriguavel para os fracos meios do nosso criterio, força de que todas as outras emanam e dependem.

Eis o Deus da razão humana, como elle se apresenta naturalmente, como o podemos conjecturar de boa fé, libertados de prejuizos, de preocupações, de tradições, como elle é compativel com as aspirações nobres de nosso ser.

Temos na nossa natureza impulsos que nos elevam, e impulsos que nos degradam. Os primeiros incontestavelmente são mais poderosos e quanto mais aperfeiçoado é o homem, mais imperio exercem sobre elle. Os impulsos máos que tambem nos arrastam são o contraste necessario para a pratica do bem, para a luta do aperfeiçoamento, o qual é a lei suprema da nossa existencia neste planeta que habitamos.

O homem é pois um *facto* na ordem da criação universal. A analyse d'este *facto*, o estudo das leis que o regem nos leva á concepção do principio, da synthese : o principio, a synthese é o Universo, o conjuncto de toda a Creação, em cujo complexo envolvemos a ideia de Deus.

O *facto* conhecemos, está ao nosso alcance. O principio está superior á nós, escapa á nossa acção, aos instrumentos incompletos do nosso poder.

O que nos cabe fazer ? E' pautar a vida por essas leis que sentimos em nós, as quaes são necessariamente as relações harmonicas que existem entre a parte e todo.

A justiça, a igualdade, a liberdade, o direito, a responsabilidade, a dignidade, o trabalho são leis secundarias que completam a lei orga-

nica — a lei do aperfeiçoamento. Sigamos essas leis que se revelam em nós indestructíveis e immanentes.

Obedecendo á ellas, cumprimos a missão que nos incumbe na existencia actual, aquella de que estamos de posse, aquella de que nos reconhecemos responsaveis.

Cumprindo essas leis satisfazemos o sentimento religioso, a aspiração que nos leva a reportar á um Ser Superior tudo o que praticamos de bom, de util, de grande.

Mas se o nosso espirito tendé a ultrapassar as raias da existencia actual, se levado pela lei de perfeição elle sente a necessidade de dar fórmas comprehensíveis á existencia futura, com cuja ideia se conforta na luta presente, concebamos um ideal dentro das inducções logicas da nossa mesma natureza e compativel com o que possamos aspirar de mais elevado e de mais sublime.

Admittamos a existencia progressiva, a transmigração do nosso espirito atravez dos mundos innumeraveis que povoam o espaço, subindo na escala da perfeição á medida que se purificar no crysol da vida. Acreditemos que as nossas boas obras contribuirão para alcançar um termo menos rude na progressão vital.

Adoremos á um Deus, que não nos queira nem humildes, nem orgulhosos ; porém dignos, confiantes e sobretudo gratos á superioridade que nos concede sobre os outros animaes, sobre os quaes exercemos o nosso dominio.

Concebamo-lo tão grande que não o possamos descrever ; mas acreditemos que elle nos destina ao goso ineffavel da sua comprehensão e da sua presença. Sirvamo-lo com a nossa virtude, mas não com o nosso temor. Não consideremos orgulho a sciencia, ao contrario procuremos nas luzes com que ella nos aclara aproximar-nos da grandeza de Deus pelo estudo de suas obras.

A sciencia eleva o seu pedestal, a ignorancia o rebaixa.

A religião assim concebida é uma necessidade para a sociedade humana, uma parte da vida moral que não se apagará nunca da consciencia.

A civilização actual já não tem outra, nem poderia ter sem manifesta contradicção com os dictames da razão livre e emancipada.

*F. Cunha.*

*(Continúa).*

# POESIAS.

## AO MARQUEZ DO HERVAL.

Escuta ! Quando outr'ora a voz da fama ,  
Transpondo o espaço dé interpostos mares ,  
Vinha aqui segredar nos patrios lares ,  
Qual eras , entre o fero combater ;  
Nós, assombrados, á essa voz diziamos :  
— Não pôde tanto arrojo ser humano !  
— A' luta volve e vê se d'um engano ,  
— Echo mentido vens á patria ser.—

Corriam dias e essa voz voltava :  
— Oh não, não me enganei, na pugna ingente,  
« Vi-lhe, qual raio, o gladio refulgente,  
« Abrir caminho ás turbas marciaes.  
« E como a rocha entre escarceos horrisonos,  
« Desdenha a furia do revolto pego ;  
« Eu mesma o vi, sublime de socego,  
« Sorrir ante as descargás infernaes !

« Era sublime aquelle horror ! De um lado ,  
« Espessa nuvem para os céos se erguia.  
« Aqui, além, o bôjo se lhe abria ,  
« De si jorrando rapidos clarões.  
« Depois... ouvia-se um bramir medonho ;  
« E a terra, a mesma terra, se abalava ,  
« Era a morte sinistra que passava ,  
« Cuspida por innumeros canhões !

« E Osorio cavalgando o seu ginete,  
« Frente a frente entestando co'a metralha,  
« Olhava attento as phases da batalha  
« Como se a morte não pairasse ali !  
« Se o visseis tão sereno, julgarieis  
« Que fitava o brincar de mil creanças,  
« Quando o porvir talvez, as esperanças  
« Tinha da patria a depender de si !

« Era sublime aquelle horror ! As filas  
 « Pelo ferreo granizo fustigadas ,  
 « Já rotas, vacillantes, rareadas,  
 « Tam de mortos alastrando o chão !  
 « Membros dispersos gotejando sangue !  
 « Corceis sem dono a vaguear perdidos !  
 « Lamentos com mil pragas confundidos !  
 « O reino em fim da tórva assolação !

« Oh ! mas de subito o infernal concerto,  
 « Acorda aos echos do clarim vibrante ;  
 « E Osorio diz á soldadesca:— avante !—  
 « Fôra o toque o signal de arremetter.  
 « E como o raio que as montanhas fende ,  
 « Ou como a lava que um volcão vomita ;  
 « Elle no turbilhão se precipita !  
 « Queria face a face a morte ver !

« Porém á voz que as almas electriza :  
 «— Avante !— o exercito em clamor murmura !  
 « E o rasto ingente desse herõe procura,  
 « Como quem dos triumphos vae senhor !  
 « Fascinação esplendida ! A victoria  
 « Aos pés do seu corcel manietada :  
 «— Onde me levas?... pergunta-lhe assustada :  
 «— Irás comigo onde o meu gladio fôr.—

« E foi como captiva que não póde,  
 « Do captiveiro espedaçar os ferros !  
 « Depois ouviu-se a retinir nos cerros,  
 « Nuncio de gloria, um canto marcial.  
 « Era que nos reductos inimigos,  
 « Victoriosa a hoste brasileira,  
 « Já desfraldava a bicolor bandeira,  
 « Aos crebros sons do hymno nacional !

Era assim que na patria, a voz da fama,  
 Pela tuba que algema o esquecimento,  
 Te erguia pouco a pouco o monumento,  
 Que teu nome ao futuro vae unir.  
 Como Bayard, como os herões de Homero,  
 Ha de teu nome, na brasileira historia,  
 Passar aureolado pela gloria,  
 A's gerações por vir !

*Manoel Gonçalves Junior.*

## À MOCIDADE.

RECITADA NA 4.ª SESSÃO ANNIVERSARIA DO PARTHENON LITTERARIO.

Oh! mocidade, eia, avante!  
Que as glorias p'ra vós são grandes;  
Erguei aligero o vôo,  
Como o condor lá dos Andes.  
E n'um voar cambiante,  
Alcançareis a victoria  
Para escreverdes na historia  
Uma epopéa brithante!

Athléta sois do progresso.  
Co'o sôpro da inspiração  
Podereis tocar a méta  
Na terra da promissão.  
Então com almo fulgor  
Sentareis n'esse docel,  
Tendo na frente o laurel,  
Que symbolisa o labor.

Que importa negros reveses  
Acompanhem vossa sorte,  
Se rutilante scintilla  
A estrella de vosso norte? !...  
Tendes o genio a sorrir...  
A crença tendes na mente...  
E o que vos falta sômente  
Senão a senda seguir? !...

Segui ousados romeiros  
Por sobre laureas e flores!  
Topetai co'a immensidade  
Como sublimes condores.  
E' sacrosanto este estadio!  
Seja a tribuna e a imprensa  
Vossa missão, vossa crença  
O vosso eterno paladio.

Ide colher esses louros  
Na lide das epopéas,  
Para mostrar vossos feitos  
No combate das idéas.  
Abri o peito á ventura,  
Com mais nobre enthusiasmo;  
Erguei-vos d'esse marasmo  
Que além o porvir fulgura.

Erguei, erguei vossos cantos  
Com celeste inspiração,  
Sê-le propheta dos povos  
Lidadores da nação!  
Um dia, talvez, bem cedo....  
Direis aos vossos vindouros:  
— Aqui colhemos os louros  
Como Alvares de Azevedo!

Olhai a senda brilhante  
Que traçou Gonçalves Dias!  
E vêde Abreu inspirado  
No leito das agonias!  
O corpo a terra consome,  
Ambos morreram, é certo!  
Mas q'importa, se coberto  
De laureas têm o renome.

Assim mocidade, avante!  
Que os feitos p'ra vós são grandes;  
Erguei aligero o vôo  
Como o condor lá dos Andes.  
E n'um voar cambiante  
Alcançareis a victoria,  
Para escreverdes na historia  
Uma epopéa brilhante.

*Augusto Rodrigues Tolla.*

# CHRONICA.

Depois de uma ausencia de dous annos e meio, reaparece hoje a *Revista Mensal do Parthenon Litterario*. Obrigada então por motivos poderosos ao afastamento da liça da publicidade, ella surge agora, mais cheia de vida, como a phenix de Homero d'entre as cinzas.

E nem podia ser ao contrario! A mocidade estudiosa nessa intermittencia não depôz a penna, — a arma mais convincente d'este seculo. Differente dos soldados de Annibal, a mocidade nas horas do descanso, retirada embora dos campos das lutas, exercitava-se com affanoso ardor esperando a cada momento o signal do combate. Elle soou! E os velhos batalhadores não desampararam os seus antigos postos de honra. Eil-os mais dextros e animados, enriquecendo com novos e mais brilhantes commettimentos as paginas da *Revista*. E se ella não servir de modelo, se em si não tiver merito algum, sirva ao menos de incentivo â lidaiores mais experimentados.

— Honra-nos a primeira pagina d'esta *Revista*, o busto venerando de Felipe Neri. E' uma divida sagrada que a mocidade do Parthenon Litterario paga áquelle illustre finado. O trabalho sahio da lithographia do Sr. Wiedmann e faz honra ao habil artista Brüggemann, que foi o encarregado de sua execucao. Quem não conheceu Felipe Neri senão de tradiccao, quem não o conheceu na intima convivencia, conheça ao menos a sua imagem. O retrato está perfeito. O Sr. Brüggemann correu a mão sobre a pedra com talento e fidelidade; talvez mesmo se inspirasse em presença d'aquella physionomia franca, sympathica e insinuativa que inexperadamente a morte nos levou.

— Ha tres mezes que a empresa Ismenia funciona no S. Pedro. O theatro no inverno é uma necessidade. Terra pequena, sem outros pasatempos quem não vai ali, com a alegria n'alma, esquecer a monotonia e tristeza d'essas noites tão longas? Abençoado, pois o dia em que a Sr.<sup>a</sup> Ismenia viu a sultana do Sul, á banhar-se nas aguas serenas do melancolico Guayba. A companhia resente-se de pessoal. A' excepcao da empresaria e dos actores Motta e Araujo e mais dous ou tres, o resto nem val apenas mencionar. O repertorio dos dramas é em sua generalidade o mesmo das empresas que têm trabalhado aqui nestes ultimos cinco annos. O estrangeiro que tiver assistido todas as representações da companhia dirá com sobejas razões, que o Brazil não tem theatro seu. No elenco dos dramas não ha um só de author brasileiro. Será porque não os haja? Não. O theatro nacional tem dramas de subido valor, de incontestavel merito, como a *Historia de uma moça rica*, *Omphalia*, *As azas de um anjo*, *Luxo e vaidade* e muitos outros. O mal todo já vem de longe. E' que o nosso povo habituou-se á receber tudo, o que traz em si o rotulo do estrangeiro. E' um mal immenso, e é necessario, portanto, que aquelles que se interessam pelo engrandecimento da litteratura patria, busquem exterminal-o de uma vez. Não julguem que pedimos o ostracismo das obras de subido merecimento, vindas do estrangeiro, não! O que queremos é que as producções nacionaes de real valor, sejam levadas ali tambem á scena e não estejam condemnadas ao esquecimento.

*Achylles Porto-Alegre.*